

Dente queiro, dente do siso ou dente do juízo?
O que revelam os dados dos Atlas Linguísticos de Sergipe e do Paraná

Francieli Motta da Silva Barbosa Nogueira (UFBA)
francielimotta@yahoo.com.br

Introdução

“O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e culturas, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo.” (VILELA, 1994, p.6)

Podemos dizer, a partir da citação, que há uma estreita relação entre o léxico e a realidade, pois as escolhas lexicais revelam e muito a história, a cultura e a tradição de um povo. A abordagem feita neste trabalho, de cunho dialetológico, refere-se ao nível semântico-lexical. Parte-se do pressuposto de que o léxico utilizado por determinado grupo de falantes evidencia como realidade extralinguística as características étnicas, valores, crenças, bem como aspectos de ordem econômica da localidade pesquisada. O aporte teórico utilizado, a Dialectologia, como expressa Cardoso (2002, p. 01):

[...] apresenta-se, no curso da história, como uma disciplina que assume por tarefa identificar, descrever e situar os diferentes usos em que uma língua se diversifica, conforme a sua distribuição espacial, sociocultural e cronológica. Dois aspectos fundamentais estão, pois, na sua gênese: o reconhecimento das diferenças ou das igualdades que a língua reflete e o estabelecimento das relações entre as diversas manifestações linguísticas documentadas ou entre elas e a ausência de dados registrados, circunscritos a espaços e realidades pré-fixados.

A Dialectologia, “ciência da variação espacial, da delimitação dos espaços, do reconhecimento de áreas dialetais”, utiliza como método por excelência a geolinguística, que se incumbem de “recolher de forma sistemática o testemunho de diferentes realidades dialetais refletidas nos espaços considerados”. É sabido que os limites linguísticos superam e extrapolam os limites políticos, sendo assim, a geolinguística busca o estabelecimento dos limites que separam as áreas que se diferenciam do ponto de vista linguístico. “A pesquisa geolinguística tem, pois como objetivo, registrar o falar de uma comunidade num recorte sincrônico, por meio de um atlas linguístico, cujos dados podem evidenciar possíveis mudanças em curso na língua” (ISQUERDO; CUBA, 2010, p. 261).

Ao se estudar os vocabulários usados pelos habitantes de uma dada área geográfica, de pronto se percebem as semelhanças e contrastes linguísticos apresentados por essa comunidade em relação a outras áreas, como afirma Rossi (1967, *apud* CARDOSO, 2010, P.45): “O fato apurado num ponto geográfico ou numa área geográfica só ganha luz, força e sentidos documentais na medida em que se preste ao confronto com o fato correspondente – ainda que por ausência – em outro ponto ou outra área”.

Sendo assim, procede-se uma análise contrastiva entre os fatos lexicais encontrados nos dados do *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS) e os encontrados no *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR). O ponto de partida deste trabalho são as cartas linguísticas 55 do ALS e 66 do ALPR referentes a *dente do siso*.

1. Atlas linguísticos consultados

1.1 Atlas Lingüístico de Sergipe

O *Atlas Lingüístico de Sergipe* (ALS – 1987) surge, como afirma Cardoso (2010, p. 154) como uma continuação da pesquisa dialetal na área do “falar baiano”, na divisão dialetal proposta por Nascentes (1953). Fizeram parte do grupo que desenvolveu a pesquisa: Nelson Rossi, Carlota Ferreira, Judith Freitas, Nadja Andrade, Suzana Cardoso, Vera Rollemberg e Jacyra Mota. O ALS continua o trabalho desenvolvido para o Atlas Prévio dos Falares Baianos (APFB), mas com algumas inovações. Para o ALS, foram selecionadas 15 localidades, distribuídas por cinco zonas fisiográficas, numeradas de 51 a 65, no sentido sul-norte, dando continuação à numeração do APFB.

O ALS foi o primeiro atlas bidimensional brasileiro, em cada localidade foram incluídos sistematicamente um informante do sexo masculino e outro do sexo feminino, além de se considerar, como afirma Cardoso (1994, p.58) “o informante que respondeu ao inquérito paralelo, o que permitiu o controle de mais de uma variável sociolinguística”. Nesse atlas, os informantes têm entre 35 e 52 anos, havendo um de 30, um de 59 e dois de 65 anos. São, em geral, analfabetos, apenas oito são semianalfabetos e um é alfabetizado. Trata-se de informantes naturais da própria localidade ou áreas próximas, de forma semelhante aos pais, se dedicam principalmente à atividade agrícola.

O ALS constitui-se de 171 cartas linguísticas, correspondendo, em sua maioria, às cartas do APFB, às quais remetem. 12 dessas cartas são duplas – cartas Bahia-Sergipe – por conjugarem aos dados de Sergipe, os da Bahia que não haviam sido cartografados no APFB. O questionário utilizado para a constituição do *corpus* consta de 687 perguntas, incluindo as 182 do extrato de questionário (EQ) aplicado na Bahia.

1.2 Atlas Linguístico do Paraná

O *Atlas Lingüístico do Paraná* (ALPR – 2004) é fruto da tese de doutorado de Vanderci Andrade Aguilera e consta de dois volumes. No primeiro volume é apresentada a metodologia, bem como a descrição das localidades, caracterização dos informantes, apresentação das cartas e um glossário das cartas cartografadas e registradas em notas às cartas. No segundo, estão dispostas as cartas linguísticas, num total de 191, sendo 92 lexicais, 70 fonéticas e 29 apresentam traçados de isoglossas.

O ALPR, como o ALS, também apresenta sistematicamente em cada localidade um informante do sexo masculino e outro do sexo feminino. Para a seleção desses informantes foram adotados, conforme Aguilera (2005, p.150), os critérios da dialetologia tradicional:

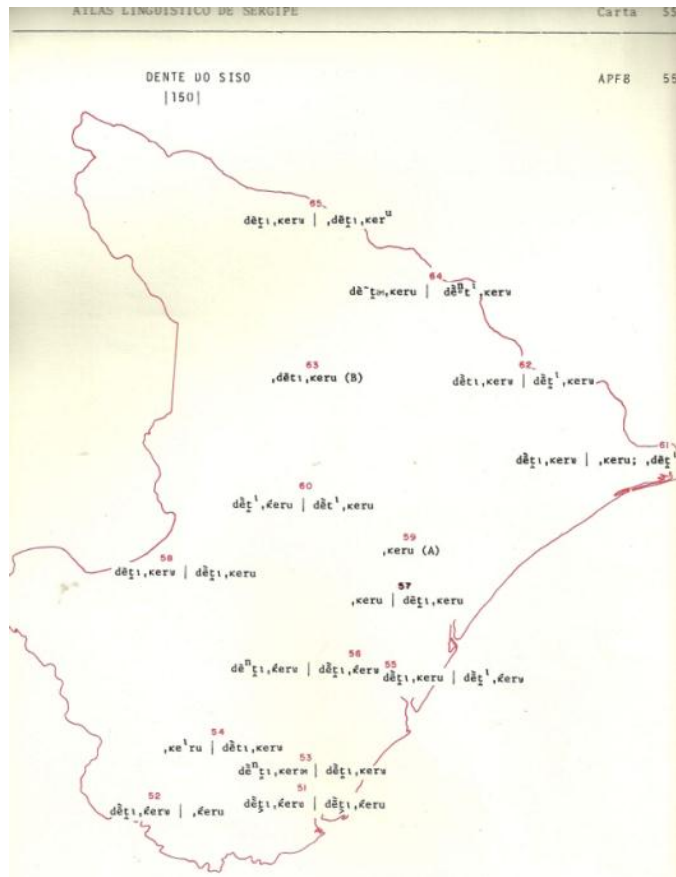
[...] ter idade entre 30 e 60 anos; ser analfabeto ou semi-alfabetizado; ter nascido na localidade ou aí ter vivido pelo menos três quartos de sua vida; se casado, o cônjuge deveria ser também da localidade; ser filho de

família ali radicada; não ter realizado viagens longas, nem ter feito o serviço militar; ser ou ter sido agricultor.

No ALPR foi adotado o questionário linguístico do *Atlas Lingüístico de São Paulo* (ALESP), questionário elaborado com base em dois campos semânticos: terra e homem, perfazendo um total de 325 questões. Aguillera (2005) afirma que a rede de pontos foi definida a partir da sugestão de Nascentes (1958), que estabelece 24 localidades a serem pesquisadas no estado e estendida para 65 por se levar em conta fatores etno-geo-históricos de cada ponto. Eles estão numerados de 1 a 65 e dispostos no sentido oeste-leste e do norte para o sul.

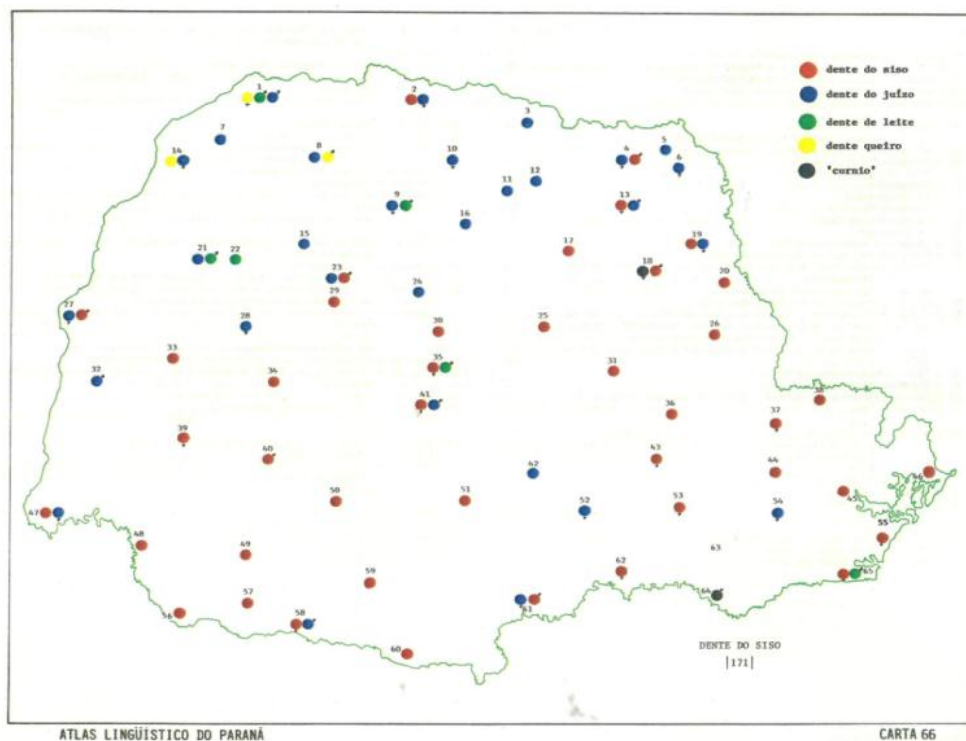
2. Apresentação e análise dos dados

As cartas 55 do *Atlas Lingüístico de Sergipe* (mapa 1) e 66 do *Atlas Lingüístico do Paraná* (mapa 2) documentam, nas áreas de Sergipe e do Paraná, a ocorrência para *dente do siso*: *dente do siso*, *dente do juízo*, *dente queiro*, *siso*, *queiro*, *dente nascente*, *dente de vint(e)* e *um ano*, *dente curunio*, *dente 'curnio'*, *dente da ideia*, *dente sensível*, *dente do zolho*, "civil", *quexá*, *xis*, numa distribuição aparentemente difusa, como se percebe dos dados cartografados.



Mapa 1: Carta 55 do *Atlas Lingüístico de Sergipe*

O exame do que se registrou em Sergipe permite a identificação de uma subárea caracterizada pelo registro exclusivo de *dente queiro*, abrangendo as localidades de número 51, 53, 55, 56, 58, 60, 62, 63, 64 e 65. Há visivelmente a predominância dessa designação no mapa.



Mapa 2: Carta 66 do *Atlas Lingüístico do Paraná*

No Paraná, por outro lado, é possível identificar duas subáreas caracterizadas pela frequência ora de *dente do siso*, ora de *dente do júzo*. A primeira, “área paranaense” de *dente do siso* abrange os pontos 17, 20, 25, 26, 31, 33, 34, 36, 38, 44, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 56, 57, 59, 60. Neles, são documentados com exclusividade *dente do siso*. A segunda subárea, “área paranaense” de *dente do júzo* está concentrada no norte, presente em apenas alguns pontos no centro. A exclusividade no registro de *dente do júzo* consta nos pontos 3, 5, 7, 11, 12, 15, 16, 24, 42.

As demais designações para *dente do siso* nos dois estados apresentam baixo índice de frequência, ou seja, não ocorrem com exclusividade em mais de uma localidade. Vale destacar que ao considerarmos a exclusividade em determinada localidade, consideramos apenas os pontos onde houve única e igual resposta dos informantes dos dois sexos. Foram desconsiderados os pontos onde houve mais de um registro por algum dos informantes.

Chamamos a atenção para a frequência com que aparece *dente queiro* em Sergipe. Essa variante foi documentada em 14 das 15 localidades constantes no atlas e nos permite afirmar que há certa estabilidade em seu uso, coocorre com *queiro* em apenas 4 delas. Convém assinalar também que se trata de uma simplificação da forma majoritária *dente queiro*.

No Paraná é notória a alta frequência de *dente do siso*, ocorrendo em 42 das 65 localidades. Vale destacar que há poucas ocorrências no norte do estado e uma certa “difusão” nas demais áreas. Por outro lado, a forma *dente do júzo* apresenta maior

frequência no norte, coocorrendo com *dente do siso* apenas em 10 pontos. As demais formas ocorreram em apenas uma localidade e foi registrada em apenas um dos informantes.

2.1 Distribuição diatópica das variantes lexicais encontradas

Inicialmente é oportuno registrar como Ferreira (1999) lexicaliza o nome *dente*, uma vez que a forma *dente do siso* não foi lexicalizada nos dicionários examinados:

[Do lat. *dente*] **S.m.** **1. Anat.** cada uma das peças duras, semelhantes a osso, que guarnecem os maxilares e mandíbula do homem e doutros animais, e servem especialmente para morder e triturar alimentos. [Na dentição permanente do homem, são em número de 32, oito em cada maxilar e 16 na mandíbula, distribuídos assim, a partir da frente de arcada em direção às partes laterais: quatro dentes incisivos, dois caninos, quatro pré-molares e seis molares. Tb. se usam substantivamente: os incisivos; o canino direito; um pré-molar; um dos molares esquerdos. Aum.: *dentão*, *dentilhão*, *dentola*. Dim. irreg. *dentículo*.] **2.** Cada uma das pontas ou saliências que guarnecem a engrenagem de certos objetos. **3.** Cume pontiagudo de montanha. **4. Arquit.** V. *dentilhão* (2). **5.Bot.** Segmento, recorte ou divisão pouco profunda que órgãos e partes vegetais apresentam com frequência. **6.Tip.** V. *pinça* (8) **7.Zool.** Saliência espicular no tórax dos insetos. **Dente apontado.** O que sofreu mutilação com o fim de torná-lo triangular. **Dente canino.** V. *dente* (1). **Dente carniceiro.** **Zool.** O que é característico dos animais carnívoros, de coroa grande, muito afiada e pontuda; serve para estraçalhar a carne da presa quando o animal a sacode lateralmente; carniceiro. **Dente de coelho.** **1.** Dificuldade ou obstáculo difícil de remover: *Neste problema há dente de coelho*. **2.** Roubalheira, maroteira: *Esse negócio tem dente de coelho*. [Cf. *dente-de-coelho*.] **Dente de leite.** **Anat.** Cada um dos dentes da primeira dentição. [Dente-de-leite.] **Dente de siso.** **Anat.** O último dos dentes molares, que rompe ger. entre os 17 e os 21 anos de idade. [Tb. se diz apenas *siso*; sin.. (bras.): *dente queiro*, *dente queixeiro*, *dente do juízo*.] **Dente do juízo.** **Bras.** V. *dente de siso*. **Dente incisivo.** **Anat.** V. *dente* (1). **Dente molar.** **Anat.** V. *dente* (1). **Dente permanente.** Cada um dos dentes da segunda dentição. **Dente por dente.** Com desforra igual à ofensa. **Dente pré-molar.** **Anat.** V. *dente* (1). **Dente queiro.** **Bras. N.E.** V. *dente de siso*. **Dente queixeiro.** **Bras.** V. *dente de siso*.¹ **Dentes viliformes.** **Zool.** Dentes muito pequenos e juntos uns dos outros, frequentes em peixes marinhos. **Dente vomerino.** **Zool.** Dente encontrado nos peixes, e que se acha implantado na base do vômer. **Armado até os dentes.** Armado em excesso, preparando-se para uma possível luta renhida. **Falar entre os dentes.** Falar sem articular bem as palavras; resmungar. **Mostrar os dentes a.** Ameaçar (alguém).

¹realce nosso

Do verbete *siso*, também em Ferreira (1999) destacamos: “[Do lat. **sensu**, ‘sentido’, pelo arc. *seso*.] **S.m. 1.** Bom senso; juízo, tino, prudência, circunspeção: “Muito riso, pouco *siso*” (prov.). **2. V. dente de sisso.**² **De sisso.** sensatamente.

Ao se realizar a busca na Wikipédia do verbete *dente do sisso*, imediatamente a pesquisa foi direcionada para simplesmente *siso*:

“Os **sisos** (ou terceiros [molares](#)) são os últimos dentes a se desenvolverem. O [ser humano](#), em sua maior parte, tem quatro sisos, um em cada canto da boca. Normalmente desenvolvem-se entre os 16 aos 20 anos. Também são chamados popularmente de “Dente do juízo” ou “Dente Queiro”.

Para esse tipo de dente, na pesquisa de campo do ALS e do ALPR, foram coletadas 15 formas variantes, num total de 157 ocorrências, das quais as mais produtivas foram: *dente do sisso* (29%), *dente do juízo* (25%), *dente queiro* (18%), *siso* (14%), *queiro* (3%) e como *hapax legômena*, obtivemos: *dente nascente*, *dente de vint(e)* e *um ano*, *dente curunio*, *dente ‘curnio’*, *dente da ideia*, *dente sensível*, *dente do zolho*, “civil”, *quexá*, *xis*.

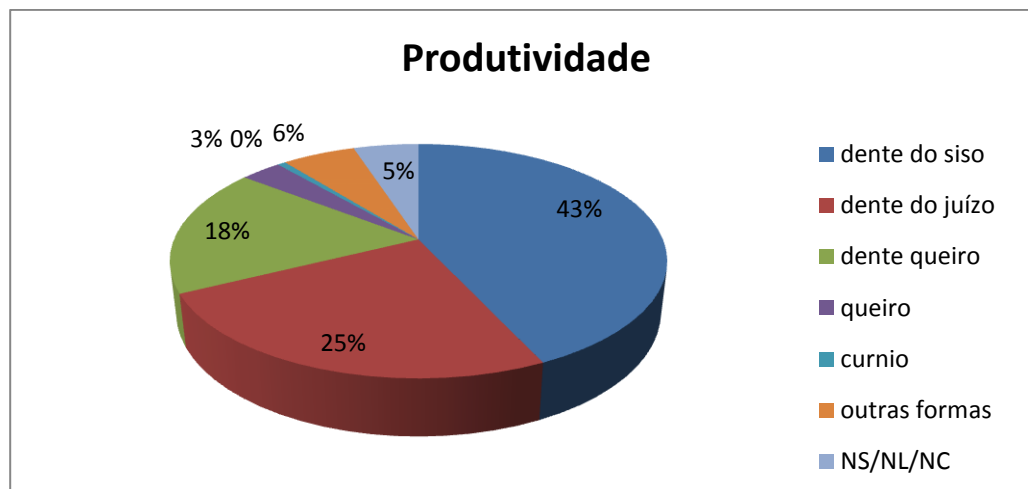


Gráfico 1: Variantes lexicais mais produtivas para *dente do sisso* no ALS e ALPR

O gráfico 1 traz as variantes lexicais e sua produtividade, apresentando desde as mais frequentes: *dente do sisso*, *dente do juízo*, *dente queiro*, *queiro*, até chegar às formas únicas, agrupadas na classe de *outras formas*.

A ausência de respostas (5%) não se mostrou relevante para a pesquisa. Foram consideradas como inadequadas as respostas *dente curunio*, *dente ‘curnio’*, *dente sensível*, *civil* e *dente do zolho*. Esta última, registrada no informante B (homem) do ponto 54 do ALS foi reafirmada quatro vezes por ele segundo as notas constantes no atlas.

²realce nosso

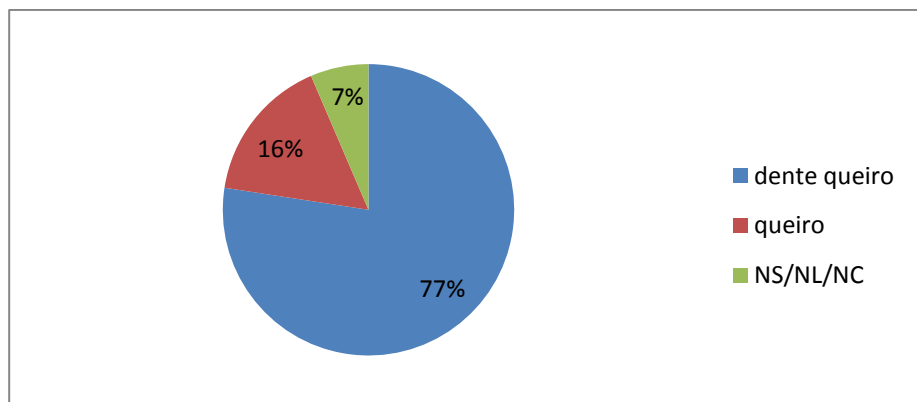


Gráfico 2: Distribuição das variantes lexicais encontradas no ALS

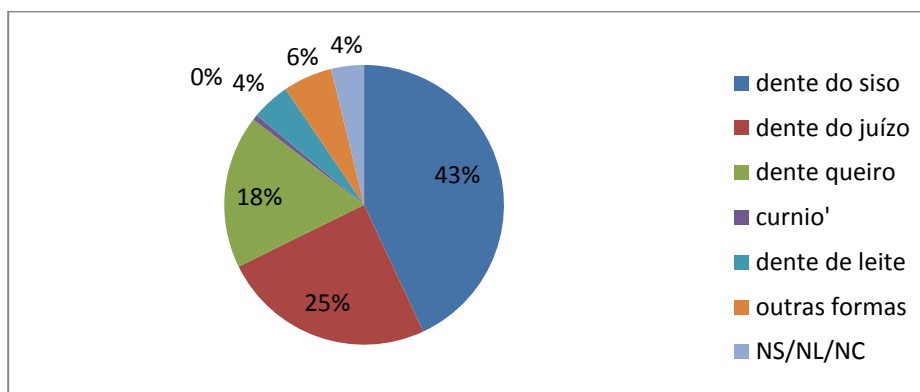


Gráfico 3: Distribuição das variantes lexicais encontradas no ALPR³

Analisadas as respostas constantes nos gráficos 1 e 2, verificou-se que, em Sergipe, a forma hegemônica é *dente queiro* (77%), em seguida a forma *queiro* (16%). Apenas 7% não sabiam ou não lembravam a resposta. Já no Paraná houve mais formas produtivas, as mais frequentes foram *dente do siso* (43%), *dente do juízo* (25%), *dente queiro* (18%). As menos produtivas foram *dente de leite*, com (4%). Como *hapax legomena*: *curnio*, *dente da ideia*, *dente nascente*, *dente curunio*, *dente de vint(e)* e *um ano*, *dente sensível*, *dente do zolho*, *civil* e *xis*. As não respostas no ALPR correspondem a apenas 4% do total.

Interessante ressaltar que houve apenas uma forma coincidente entre as respostas constantes nos dois atlas em questão, a forma *dente queiro*. Caldas Aulete (1974) traz *queiro* como: *adj.* (Bras. Nordeste) *dente queiro* e Ferreira (1999) no registro de *dente queiro* faz a mesma referência: *Bras. N.E.* Essas referências feitas ao espaço geográfico do Nordeste nesses vocábulos muito chama a atenção e pode justificar a prevalência dessa forma no *Atlas Lingüístico de Sergipe*. Por outro lado, foram muitas as variantes lexicais não coincidentes entre os dados dos dois atlas.

2.2 Distribuição diagenérica das variantes mais produtivas

³ No ALPR a variante lexical *dente do siso* foi registrada simplesmente como *siso* por 22 informantes.

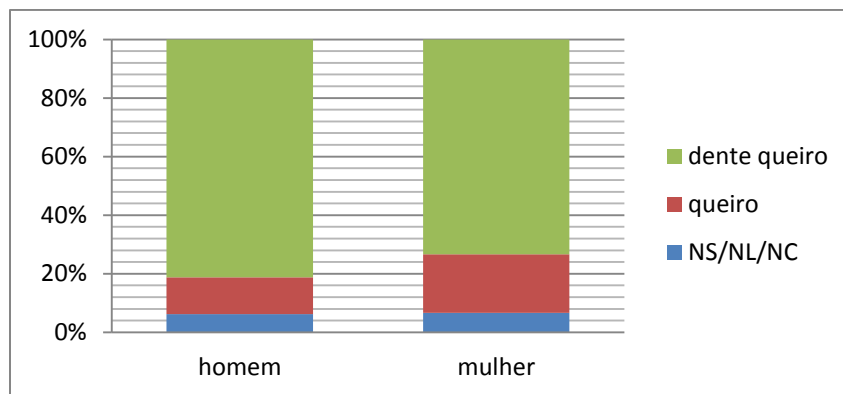


Gráfico 4: Distribuição diagenérica das variantes no ALS

O gráfico 4 mostra a predominância da variante lexical *dente queiro* entre homens e mulheres e que as mulheres usam em um percentual maior que os homens a forma simplificada *queiro*. Mesmo com essas diferenças, a variação diagenérica não se mostrou relevante no uso das variantes em questão.

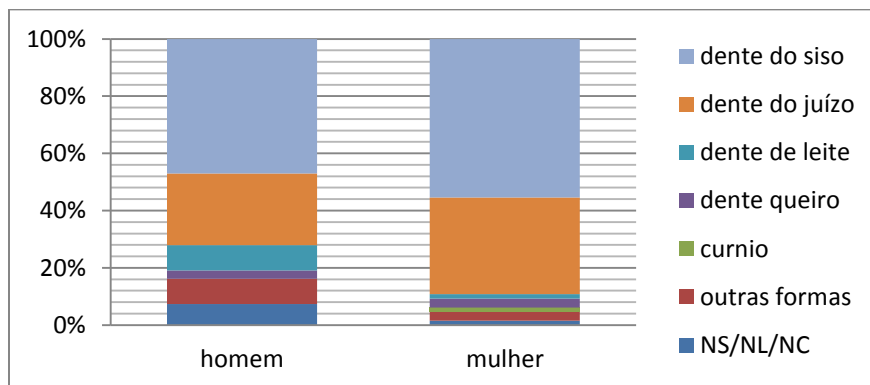


Gráfico 5: Distribuição diagenérica das variantes no ALPR

O gráfico 5, construído a partir das respostas dos informantes do Paraná, apresenta a porcentagem de ocorrências de cada variante em relação ao fator extralinguístico gênero/sexo. Verifica-se que tanto homens quanto mulheres demonstram uma maior preferência em usar a variante *dente do siso*, os homens utilizam em maior quantidade a forma *dente de leite* e o que chama a atenção é a grande produtividade das variantes lexicais pelos informantes do sexo masculino.

3. A formação das palavras

O dente do siso é *dente do siso* em português, *muela del juicio* em espanhol, *dent de sagesse* em francês e *wisdom tooth* em inglês. Em todas essas acepções há a referência a sabedoria, juízo. *Siso* apresenta-se como a forma mais antiga, suas origens remontam ao latim arcaico *seso*, vindo a denominar-se *sensu*. As formas apresentadas em português, espanhol, francês e inglês mostram-se ligadas à origem, uma vez que não se desvincularam do sentido inicial “sentido”.

Como bem explicado por Ullmann (1964, *apud* AGUILLERA, 2010), toda língua se constitui de uma série de “palavras arbitrárias e opacas, sem qualquer conexão entre o

som e o sentido, e outras que, pelo menos em certo grau, são motivadas e transparentes”. Sendo assim, nos dados do ALS e do ALPR pudemos verificar que, dentre as diversas denominações para *dente do siso*, as variantes “podem ser consideradas transparentes e a origem de muitas delas pode ter motivações diversas”. Uns por referência ao período/idade em que o dente nasce, aproximadamente quando se inicia a maioridade e é esperado que se tenha mais responsabilidade (juízo): *dente de vint(e) e um ano*, *dente da ideia*, *dente do juízo*, outros por associação à quantidade de vezes que esse tipo de dente nasce *dente de leite*, *dente nascente*.

Nos dados surge a variante fonética *xise*⁴ da palavra *siso*, onde é registrada simplesmente como *dente do siso*. Sendo assim, a variante *xis* surge nos dados como forma simplificada dessa variante, tendo a mesma motivação. Foram consideradas como inadequadas as respostas *dente curunio*, *dente ‘curnio’*, *dente sensível*, *civil e dente do zolho*, por não terem sido encontradas as motivações para esses registros.

4. O que apresentam os dicionários

Consultados os dicionários Ferreira (1999), Caldas Aulete (1974), Morais Silva (1949), Koogan; Houaiss (1979) e Cunha (2001) constatamos que a variável dependente *dente do siso* não se encontra dicionarizada desta forma em nenhum deles, porém aparece em alguns no verbete *siso*. Dessa forma, analisamos as formas variantes em cada dicionário e expusemos no Quadro 1. Para a variante dicionarizada com a acepção de *dente do siso* (D); dicionarizada com outro significado (OS), ou se não consta dicionarizada na obra em questão (ND).

Variante/Dicionário	Ferreira	Morais Silva	Koogan; Houaiss	Caldas Aulete	Cunha
dente de siso ⁵	ND	ND	ND	ND	ND
dente do juízo ⁶	ND	ND	ND	ND	ND
dente queiro ⁷	ND	ND	ND	ND	ND
‘curnio’	ND	ND	ND	ND	ND
siso ^{8 9 10}	OS	D	OS	D	OS

⁴ Informante A do ponto 36 – ALPR.

⁵ Ferreira, Koogan; Houaiss e Caldas Aulete trazem *dente de siso* no verbete *dente*.

⁶ Ferreira traz *dente do juízo* no verbete *dente*.

⁷ Ferreira e Caldas Aulete trazem *dente queiro* no verbete *dente*, sendo que Ferreira faz referência ao Nordeste: *Bras. N.E. V. dente de siso*.

⁸ Ferreira, Koogan Houaiss e Cunha trazem *siso* apenas no sentido de bom senso, juízo, prudência.

⁹ Morais Silva traz *siso* como bom senso, tino, juízo, circunspeção, prudência e como *dente do siso*, o último queixal, que nasce nos adultos [...].

¹⁰ Caldas Aulete traz *siso* como juízo, tino, bom senso, prudência e como *dente do siso*.

queiro ^{11 12 13}	OS	D	ND	D	ND
dente nascente	ND	ND	ND	ND	ND
dente de vint(e) e um ano	ND	ND	ND	ND	ND
curunio	ND	ND	ND	ND	ND
dente sensível	ND	ND	ND	ND	ND
dente do zolho	ND	ND	ND	ND	ND
dente da ideia	ND	ND	ND	ND	ND
civil	OS	OS	OS	OS	OS
xis	OS	OS	OS	OS	OS

Quadro 1: Relação das variantes nos dicionários

O quadro 1 indica que Ferreira (1999) não dicionariza nenhuma das denominações para *dente do siso*, ele faz referência apenas a essa variante no verbete *dente*; 4 delas estão lexicalizadas com outras acepções e 10 não foram dicionarizadas. Interessante perceber que apenas em Morais Silva (1949) e em Caldas Aulete (1974) encontraram-se variantes dicionarizadas, e por sinal as mesmas: *siso* e *queiro*, nos demais não foram encontrados registros de nenhuma das variantes com a acepção *dente do siso*.

Considerações Finais

Os dados analisados permitem concluir que as variantes lexicais para *dente do siso* mostraram-se muito mais produtivas no ALPR que no ALS, sendo que a maior parte delas não está dicionarizada, mesmo as mais frequentes no registro dos informantes. Houve um número maior de divergências do que coincidências entre os dois estados.

A distribuição das variantes, aparentemente difusa, possibilitou a delimitação de áreas para *dente queiro* em Sergipe e *dente do siso* e *dente do juízo* no Paraná. A análise da variação diagenérica nos atlas demonstrou que há certa equivalência entre os registros, não apresentando diferenças significativas.

O estudo procedeu uma análise contrastiva acerca das designações para *dente do siso* nos *Atlas Lingüístico de Sergipe* e *Atlas Lingüístico do Paraná* e demonstrou que há lexias que predominam em determinadas áreas específicas tanto em Sergipe como no Paraná e só um estudo aprofundado mostrará o curso de cada uma delas através da história nessas localidades.

Este estudo demonstra a importância dos estudos geolinguísticos para o conhecimento das variedades linguísticas no território brasileiro e ratifica a necessidade de continuidade de investimento em pesquisas geolinguísticas, de maneira que novos atlas linguísticos sejam produzidos.

¹¹ Ferreira traz como [talvez de *queixeiro*, com síncope].

¹² Morais Silva traz como o mesmo que *queixeiro*: <nasceu-te lá o dente queiro? >

¹³ Caldas Aulete traz *queiro* como: adj. (Bras. Nordeste) *dente queiro*.

Referências

- AGUILLERA, V. de A. *A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2005.
- AGUILLERA, V. de A. De onde vieram e por onde andam as nossas libélulas e jacintas? um estudo da etimologia popular com base em dados do Atlas linguístico do Brasil. In: *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n. 41. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2010.
- CALDAS AULETE. *Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa*. Em 5 vols. 3. ed. bras. Rio de Janeiro: Editora Delta, 1974.
- CARDOSO, S. A. *Geolingüística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- CARDOSO, S. A. M. *A geolingüística no terceiro milênio: monodimensional ou pluridimensional?* Revista do GELNE, v. 4, n.1. 2002.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*. 2. ed. 14^a reimpressão. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DENTE DO SISO. <http://pt.wikipedia.org/wiki/Dente_do_siso>. Acesso em 19 de junho de 2012.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio Século: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- FERREIRA, Carlota. ; CARDOSO, Suzana. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.
- ISQUERDO, Aparecida Negri; CUBA, Marigilda Antônio. Vocabulário da área semântica de *cavalo* na região centro-oeste: um estudo com dados geolingüísticos. In: *Revista Estudos Linguísticos e Literários*, n. 41. Salvador, Universidade Federal da Bahia, 2010.
- KOOGAN, Abrahão; HOUAISS, Antônio. *Pequeno Dicionário Enciclopédico Koogan Larousse*. Rio de Janeiro: Editora Larousse do Brasil, 1979.
- MORAIS SILVA, António de. *Grande Dicionário da Língua Portuguesa*. 10. ed. Lisboa: Confluência, 1949.
- VILELA, Mário. *Estudos de Lexicologia do Português*. Coimbra: Almedina, 1994.